

economia

Crise Brasil-Argentina não deve afetar comércio do RS

Especialistas apontam que fluxo da relação comercial bilateral independe das divergências institucionais entre as nações

/ COMÉRCIO EXTERIOR

Marina Mugnol
marinam@jcrs.com.br

A crise político-diplomática entre Brasil e Argentina, agravada recentemente por declarações do presidente Javier Milei, acendeu um alerta sobre o impacto da relação econômica do Rio Grande do Sul com o país vizinho. Apesar de o Estado ter na Argentina o seu segundo maior parceiro comercial, atrás apenas da China, especialistas apontam que, no curto e no médio prazo, a economia gaúcha não deve ser diretamente afetada pelo atrito.

De acordo com o professor associado da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Pucrs) e doutorando em Relações Internacionais pela Universidade de São Paulo (USP), João Henrique Salles Jung, a crise diplomática entre Brasil e Argentina tem caráter estrutural. Apesar disso, as relações comerciais entre os dois países funcionam de forma simbiótica, ou seja, as economias são interdependentes, independentemente das afinidades ou divergências políticas entre os governos.

“As convergências políticas ajudam, auxiliam e impulsionam os negócios. No entanto, mesmo quando elas não existem, há uma condicionalidade imposta pela própria geografia. O Brasil é uma condição geográfica para a Argentina e vice-versa. Existe um pragmatismo diplomático de compreender que, apesar das diver-

gências políticas, há necessidades econômicas e comerciais construídas pela geografia e consolidadas pela história dos dois países”, explica Jung.

Apesar disso, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), as exportações brasileiras para a Argentina caíram 18,1% nos últimos 12 meses, na comparação com o mesmo período do ano anterior. No Rio Grande do Sul, o recuo foi de 10,38%, com as exportações passando de US\$ 690,60 milhões para US\$ 618,92 milhões no primeiro semestre de 2026 em relação ao mesmo período do ano passado.

Para Jung, essas variações estão dentro de um comportamento considerado normal. “Há uma tendência de crescimento, acompanhada por oscilações pontuais de alta e de baixa no comércio com a Argentina, indicando uma relação comercial relativamente estável e dentro da normalidade”, afirma.

Diante desse cenário, ele avalia que, por enquanto, não há necessidade de adoção de precauções específicas por parte da economia gaúcha. “Certamente, não é um comércio que tende a se ampliar, porque não há uma relação comercial sendo estimulada. No entanto, as questões estruturais das economias brasileira, gaúcha e argentina demandam essa proximidade, apesar dos entraves e problemas políticos entre os dois países”, explica.

Nessa mesma linha, Gustavo Inácio de Moraes, doutor em Eco-



Argentina é o segundo maior parceiro comercial do Estado e do País, atrás apenas da China

nomia Aplicada e professor da Pucrs, destaca que a relação entre Brasil e Argentina vai além da balança comercial e também deve ser analisada sob a perspectiva da balança de serviços.

Segundo ele, o fluxo de argentinos que visitam o Rio Grande do Sul e utilizam o Estado como passagem para Santa Catarina é um exemplo dessa relação. Ainda assim, de Moraes descarta qualquer alteração no momento. O economista pondera que, com uma eventual reeleição do governo atual, poderia haver mudanças nesse cenário. “Isso causaria desalinamento do Brasil com a Argentina e com os Estados Unidos, o que pode ter impacto nos contratos. Com a reeleição, não descarto que o país norte-americano utilize o nosso país vizinho como instrumento de pressão”, explica.

Principais produtos exportados do RS

De janeiro a junho de 2026 | Valor FOB (US\$)

34,36%	Veículos e suas partes	212.687.654
14,88%	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas e partes	92.084.952
13,87%	Plástico e suas obras	85.846.705
3,64%	Tabaco e seus manufaturados	22.537.260
3,57%	Carnes e miudezas	22.118.324
3,13%	Calçados e partes	19.386.737
2,66%	Ferro fundido, ferro e aço	16.457.187
2,24%	Borracha e suas obras	13.874.910
2,19%	Produtos químicos orgânicos	13.550.731
1,94%	Adubos (fertilizantes)	12.037.883

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS (MDIC)

Principais produtos importados pelo RS

De janeiro a junho de 2026 | Valor FOB (US\$)

75,59%	Veículos e suas partes	1.000.306.919
5,43%	Combustíveis	71.819.402
2,58%	Reatores nucleares, caldeiras, máquinas e partes	34.196.641
2,56%	Cereais	33.832.318
2,06%	Tabaco e seus manufaturados	27.283.467
1,74%	Produtos hortícolas	22.976.386
1,57%	Fruta	20.824.796
0,75%	Produtos químicos diversos	9.869.192
0,74%	Plástico e suas obras	9.814.682
0,74%	Pastas (ouates), feltros	9.788.697

FONTE: MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS (MDIC)

Veículos lideram exportações gaúchas ao país vizinho

Diferentemente de outros mercados que compram prioritariamente commodities, a Argentina é o principal destino das exportações gaúchas de produtos industrializados e de maior valor agregado, como veículos, autopeças, máquinas agrícolas, polímeros e calçados.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), veículos e suas partes lideram a pauta de exportações do Rio Grande do Sul para a Argentina, respondendo por 34,36% do total, com valor FOB de US\$ 212,7 milhões.

A relação de interdependência entre os dois países também se evidencia na pauta de impor-

tações do Estado. Assim como nas exportações, veículos e suas partes lideram as compras gaúchas provenientes da Argentina, respondendo por 75,59% do total, com valor FOB de US\$ 1,0 bilhão.

O valor FOB (que vem do inglês Free On Board, ou “Livre a Bordo”) representa o preço de uma determinada mercadoria pura no local de origem, cobrindo apenas a fabricação do produto e os custos até colocá-lo despachado no transporte. O frete internacional, o seguro e as taxas de entrega ficam de fora dessa soma.

A composição, no entanto, é diferente. Enquanto o Rio Grande do Sul exporta principalmen-

te automóveis de passageiros e veículos de uso misto, as importações são concentradas em veículos automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres.

A diferença também aparece entre máquinas e equipamentos. O grupo de reatores nucleares, caldeiras, máquinas e partes ocupa a segunda posição na pauta de exportações gaúchas para a Argentina, com 14,88% do total.

Nas importações, o segmento aparece em terceiro lugar, com 2,58% e, enquanto o Rio Grande do Sul exporta principalmente máquinas e aparelhos utilizados na agricultura, as compras argentinas são concentradas em motores de pistão e motores de ignição por compressão.